

bibliografia final e, por certo, outras considerações pertinentes que Rui Sousa poderia aqui trazer à colação. Aludase, a mero título exemplificativo, para demonstrar como tem pés de barro tal argumento, o livro *Putá que os Pariu! A Biografia de Luiz Pacheco*, de João Pedro George (Tinta-da-China, 2011), fruto da tese de doutoramento deste último ensaísta, que aproveita a última resposta (abjecionista) de Pacheco em entrevista à revista *Ler*, datada de 1995, para o primeiro hemisfério do título da sua obra.

Cristina Costa Vieira

[DES]CONEXÕES ENTRE PORTUGAL E O BRASIL SÉCULOS XIX E XX

TANIA MARTUSCELLI

Lisboa, Colibri, 2016

208 páginas, ISBN 978-989-689-605-8

Em *[Des]Conexões entre Portugal e o Brasil: Séculos XIX e XX*, Tania Martuscelli empreende uma análise das relações entre intelectuais brasileiros e portugueses do campo literário e das artes plásticas, construídas no “terceiro espaço da enunciação” (Homi Bhabha), tendo como referência o discurso em revistas, jornais e cartas, num arco temporal que vai do romantismo ao modernismo e das vanguardas ao concretismo.

A abordagem por que se optou afasta-se do viés tipicamente considerado na esfera da crítica literária, por estarem em causa não os dados em si, mas as relações que eles constroem e re-

constroem. O confronto sobre questões políticas, sociais e outras é conduzido por forma a evidenciar o “lugar híbrido do valor cultural” (11) e desta feita o cerne deixa de ser o colonizador e o colonizado, vistos de modo hierárquico. A possibilidade de reler o passado por um prisma abrangente e conectado estimula o desembaraço de visões em busca de uma origem, permitindo um conhecimento novo, o conhecimento sobre modos de aproximação e afastamento, com mais de 500 anos.

Na primeira parte, *Nacionalismo e Republicanismo no Brasil e em Portugal*, são referenciados episódios respeitantes ao período da afirmação nacional do Brasil independente de Portugal, envolvendo personalidades tão importantes como Dom Pedro I, que, no espaço de uma imprensa multiforme, produziram opiniões cristalizadoras de correntes de pensamento.

A formação de uma identidade brasileira integra significados apreciados na ótica da filosofia, da cultura, da economia e da política, de que são exemplos os conceitos de “país novo”, “ufanismo” e “progresso”. Convocam-se, numa perspectiva relacional, dados históricos (plano da factualidade) e o discurso sobre o facto (plano da representação). Fluxos, redes, processos, enquanto formas de relações sociais, são noções-chave instrumentais na reflexão sobre a circulação de intelectuais, artistas e escritores dos dois lados do atlântico, também por ocasião de viagens.

Dada a importância na configura-

ção do imaginário europeu no Brasil, a cultura francesa, mediada em parte pelos portugueses, foi responsável pela consolidação de modos de estar na sociedade brasileira sob o escopo de um “projeto civilizatório”. Nesse processo, foram decisivas determinadas atitudes e comportamentos que se explicam numa lógica de modernidade e em confronto com outros, consentâneos com a manutenção de uma tradição herdada no processo de colonização (31).

Das figuras mais conhecidas que estimularam a convivialidade no terceiro espaço avultam Eça de Queirós e Machado de Assis, em cujos contributos Tânia Martuscelli se demora. A influência de Eça de Queirós, como romancista mas também através de textos publicados em diversos periódicos, expressando “um vento largo de ideias”, como disse Afrânio Peixoto (52), foi decisiva para a formação da intelectualidade mais jovem, que também abraçou o realismo e o naturalismo nas artes (43).

Os episódios mais marcantes da relação de Eça com o Brasil, através dos seus textos e do debate de ideias que empreendeu no “terceiro espaço”, são referidos na análise de Tânia Martuscelli graças ao significado que apresenta na construção da própria figura do autor no Brasil. Aspectos da relação literária entre Machado de Assis e Eça de Queirós também são examinados, recorrendo a contributos de críticos de todos os tempos como João Gaspar Simões, mas também de estudiosos mais recentes como João Alves das Neves, Benjamim

Abdala Júnior e Paulo Franchetti.

Na problematização das relações constitutivas da figura do “lusobrasileiro”, a investigadora parte do célebre artigo de Eça, “O brasileiro”, útil para a análise da “hibridez cultural entre colonizador e colonizado” (33). Ao longo do período examinado, a construção dessa figura conheceu expressões de sinal oposto, em regime de maior ou menor conexão. Da mesma forma, o diálogo em pé de igualdade, iniciado com a República “de cá e de lá”, nem sempre se alinou pelo mesmo diapasão. Se, por um lado, o Brasil beneficiou dos ideais da geração de 70, por outro, sob a República, “passa a ser modelo por seu ex-colonizador” (41).

Outros intérpretes do funcionamento social e da produção cultural sustentaram a ideia de que a República foi uma “continuidade sociológica do império” (Paulo Freire) ao defender “os valores da ordem (conservação) e do progresso (mudança)”.

Ainda sob influência europeia, a *belle époque* brasileira viveu, a seu modo, o deslumbramento das luzes de Paris. Com base nesse lastro, a A. disponibiliza uma série de elementos fundamentais para a reflexão sobre o hibridismo cultural relativo à percepção da cultura estrangeira e às suas manifestações mais eufóricas, em particular na elite brasileira e nos seus espaços de circulação (teatro, salões, entre outros). Na análise dessa formação imaginária, são objeto de estudo elementos factuais assim como estudos de autores que pensaram

o processo de construção de uma identidade nacional, como é o caso de Afrânio Coutinho, para quem o espírito de nacionalidade foi defendido como instinto de nacionalidade, ideia que já havia sido veiculada por outros autores do campo literário mas não só. A projeção desse instinto em vários planos da vida social, cultural e política é analisada também no espaço das revistas pré-modernistas, como a *Atlântida* (lançada em 1915), que divulgou o ideário nativista, a par de propostas de união no âmbito do projeto luso-brasileirista (79).

A segunda parte da obra – *Os -ismos da Modernidade Luso-Brasileira* – começa com a exploração de pontos de contacto entre autores de *Orpheu* e os protagonistas da Semana de Arte Moderna. Apoiando-se em Arnaldo Saraiva e Gilberto Mendonça Teles, entre outros críticos, refere, por um lado, interesses (em particular de divulgação no mercado livreiro e jornalístico brasileiro) que justificaram o convite a Ronald de Carvalho para integrar a direção da revista *Orpheu*, e, por outro lado, diferenças estéticas face ao projeto vanguardista de Pessoa e Sá Carneiro, o que levou a que Ronald de Carvalho fosse afastado da mesma direção. Destaca dois regimes estéticos e ideológicos, um filiado ao lastro finissecular e outro representativo da vanguarda. No tecer dos laços, é salientado o impacto da novidade estética num certo público conservador, incluindo críticos, como foi o caso de Monteiro Lobato que, no artigo “Paranoia ou mistificação”, desqualifi-

cou a obra de Anita Malfati, atitude de incompreensão de que Orfeu também foi alvo, em Portugal. Os artistas foram apontados como bizarros e portadores de doença mental (93).

No que diz respeito à importância de viagens, por essa época, são referenciados meandros dos contactos que Graça Aranha e Osvald de Andrade tiveram com a intelectualidade em diversos espaços na Europa.

A receção de autores portugueses no Brasil também ficou a dever-se ao espaço da revista paulistana *O Pirralho*, na sua abrangência estética, dado contemplar tanto textos conotados com a estética simbolista ou pós-simbolista como textos claramente influenciados pelo modernismo. Exemplo desses modos de interlocução são as proximidades sublinhadas pela investigadora entre Eduardo Guimarães, Fernando Pessoa, Luís de Montalvor e Ronald de Carvalho. As publicações que tiveram mais divulgação em ambos os países foram, além de *Orpheu*, *A Águia*, *Contemporânea*, *Klaxon* e *Presença*.

No conspecto sobre a produtividade da revista *Presença*, a sua receção no Brasil e a divulgação dos seus autores, destaca-se o papel de Adolfo Casais Monteiro, com a publicação, em 1959 (no Brasil) de uma antologia de autores presencistas. Ao referir-se ao impacto dos posicionamentos teóricos deste “órgão do modernismo português” apoia-se em contributos fundamentais de autores conhecidos assim como de críticos mais recentes, como Benjamim

Abdala Jr. e Osvaldo Manuel Silvestre, que reinterpreta leituras tidas como conservadoras.

Ainda no âmbito do terceiro espaço da enunciação, são objeto de referência as revistas *Colóquio/Letras* (na qual o escritor Lêdo Ivo teve um papel relevante enquanto coordenador da colaboração brasileira) ou publicações como *Atlântico – Revista Luso Brasileira* (1942-1950). Aí publicaram autores do primeiro e do segundo modernismo, muitos dos quais, como Mário de Andrade, textos literários e artigos de reflexão sobre o contexto luso-brasileiro das suas formações e produções culturais. O contributo de António Pedro sobre os artistas brasileiros é da maior importância, neste contexto, por lembrar o papel de dois centros: São Paulo, com pintores e escritores mais formalistas e formados na especulação intelectual, e o norte, (especificamente referido) com romancistas e poetas que expressaram “o desbragamento lírico e deslumbrado, a tragédia espetaculosa, (...) a originalidade espontânea, literária, com toda a ingenuidade sensível” (145). No tocante à pintura, de entre inúmeras análises em que a A. se detém, saliente-se a valoração crítica por António Pedro: “o que em Tarsila é sonho, em Portinari angústia e resignação, em Segall e nos paulistas modulação e sombra, é em Cícero Dias alegria solar” (145).

Prosseguindo na movimentação cultural que ocorre na esteira do modernismo, são evidenciadas situações de intercâmbio, entre brasileiros e portugueses,

sendo indiscutível o contributo de escritores brasileiros para a geração portuguesa do neo-realismo. Entre outros intelectuais que marcaram as relações de hibridismo cultural, encontram-se nomes como os de Adolfo Casais Monteiro, Jorge de Sena, Eduardo Lourenço e Fernando Lemos.

Na conclusão, chama-se a atenção do leitor para nexos estabelecidos no passado e que se projetam no presente, com uma indagação sobre a sociedade, seus rumos e o lugar do intelectual: “está-se a sofrer, no Brasil, em Portugal, no mundo, de uma generalizada crise de ansiedade. Cabe ao intelectual *optar* pela rutura com o ciclo da tradição e ‘cortar o mal pela raiz’, isto é: superar o trauma da colonização tanto para o (ex)colonizado como para o (ex)colonizador e valorizar a ideia de autonomia (cultural) de cada país, de cada indivíduo” (193).

Em boa hora, contamos com este estudo: uma obra incontornável para uma renovada reflexão sobre a relação cultural entre Portugal e Brasil, uma relação que, para alguns, continua a ser pensada em termos traumáticos. Com o levantamento exaustivo de dados e a sua interpretação, Tania Martuscelii contribui para a discussão, fundamentalmente para a possibilidade (que é também uma necessidade) de rever noções ainda enfeudadas em estereótipos.

Cristina Mello